

Enfim, de mãos dadas

*Israel e Egito assinam o acordo de paz
— e fracassa a tentativa dos países árabes radicais
de impor um bloqueio econômico ao Cairo*

No dia seguinte à solene assinatura do tratado de paz entre Israel e Egito, realizada na segunda-feira passada, em Washington, com a presença dos presidentes Jimmy Carter e Anuar Sadat e do primeiro-ministro Menahem Begin, era divulgada em Telavive a primeira encomenda abrindo a era de relações comerciais entre os dois países. A indústria hoteleira israelense requisitara ao Egito 50 quilos de semente de sésamo, ingrediente indispensável para a fabricação de pastéis orientais pelos quais árabes e israelenses têm uma paixão idêntica. E havia mais. A primeira excur-

los israelenses. Tudo parecia caminhar depressa, senão no Oriente Médio como um todo, pelo menos entre os dois países. O acordo começava a materializar quimeras.

Uma hora antes da assinatura, é ver-

rei Salomão. E o problema foi lembrar o nome da filha do faraó com quem Salomão fora casar-se — que nem Sadat nem Begin souberam resolver.

SERIA DISTRAÇÃO? — “Já estamos respirando a paz”, diria Carter, minutos depois, ao surgir no pórtico da mansão presidencial para a assinatura, ao ar livre, do documento que poria formalmente fim a trinta anos de hostilidades entre os dois países. Chover, como se temia, não choveu. Mas fazia um vento frio de começo de primavera — e, como o protocolo exigia que Carter, Sadat e Begin se apresentassem



FOTOSAP



Na Casa Branca, após o acordo

dade, diplomatas do Egito e de Israel ainda se engalfinhavam numa azeda discussão. Os israelenses queriam incluir as palavras “Judéia” e “Samaria” — nomes bíblicos para designar a Cisjordânia — num texto anexo ao tratado. Os egípcios protestaram — e o impasse só foi resolvido quando os americanos sugeriram colocar, no texto em inglês da mesma carta: “Fomos informados de que a expressão ‘West Bank’ (margem ocidental do Jordão) é entendida pelo governo de Israel como significando Judéia e Samaria”. Naquele mesmo momento, porém, entre os líderes já reinava a cordialidade. Sadat e Begin participavam de um almoço com Carter. E o tema da conversa era a cerimônia de assinatura do acordo de que os três participariam logo depois. Begin lembrou que seria o primeiro judeu a assinar uma paz com o Egito desde o



As assinaturas no tratado

são de turistas israelenses ao Egito, com duração de quinze dias e preço equivalente a 12 000 cruzeiros por pessoa, já estava completa e com data marcada. Ao mesmo tempo, o diretor geral de rodovias de Israel, Zvi Tsafiriri, anunciava um plano de restabelecimento da ligação ferroviária entre os dois países, suspensa desde 1947. E a Israel Aircraft Industries divulgava um estudo para a instalação, no Egito, de linhas de montagem de aviões produzidos pe-

sem sobretudo, os três tiveram que enfrentar essa provação adicional. De qualquer forma, como era previsto, tudo transcorreu como num grande show. Estava presente a banda de música dos fuzileiros navais. No ar, a determinado momento, misturavam-se os sons das vaias dos opositores do acordo — contidos fora da Casa Branca por um cordão de isolamento —, dos aplausos, das sirenas dos carros de polícia, dos



Em Telavive, a comemoração do tratado de paz . . . e, na parte árabe de Jerusalém, protestos

helicópteros em evolução sobre a área e dos sinos das igrejas locais.

Terminada a assinatura das três versões do acordo — em inglês, árabe e hebraico, todas encadernadas com capas de couro e inscrições douradas —, Sadat e Begin fizeram curtos mas expressivos pronunciamentos. O dirigente egípcio simplesmente pulou em seu discurso o trecho em que fazia a defesa da autonomia dos palestinos. Uma mera distração, segundo alegaram seus assessores? Ou uma resposta aos ataques enfiados do líder da Organização de Libertação da Palestina (OLP), Yasser Arafat, que chegou a profetizar o assassinio de Sadat pela “capitulação” frente a Israel? Begin, por sua vez, demonstrando que as negociações futuras, apesar do acordo já obtido, estarão longe de ser fáceis, insistiu em referir-se a Jerusalém como a eterna e indivisível capital de Israel — embora tanto americanos como egípcios se recusem a considerar como fato consumado a aneção feita por Israel, durante a guerra de 1973, da parte oriental da cidade.

DE “CORTESIA” — O próximo ato do show da paz será uma visita de Begin ao Cairo, esta segunda-feira, dia 2 — descrita pela diplomacia egípcia, para não irritar os países árabes que se opõem ao acordo, como visita de “cortesias”, em retribuição à histórica viagem de Sadat a Jerusalém, em novembro de 1977. Depois, os dois países estarão diante da dura realidade das negociações sobre a autonomia dos palestinos nos territórios ocupados, tema que preferiram adiar para não comprometer o acordo de Washington. Isso ficou para um mês depois da troca dos “instrumentos de ratificação do tratado”, o que deverá acontecer daqui a duas semanas.

Além da visceral oposição israelense a qualquer concessão que possa implicar, mesmo remotamente, a criação futura de um Estado palestino, as negociações esbarram com o problema dos interlocutores. Quem negociará em nome dos palestinos? O rei Hussein, da Jordânia, um interlocutor possível, já se manifestou contrário ao acordo — e, para tornar patente sua oposição, ordenou, na semana passada, o retorno a Amã de seu embaixador em Israel. Nas cidades palestinas, ao mesmo tempo, o clima era de protesto generalizado. Na segunda-feira passada — relata Alessandro Porro, correspondente de VEJA em Israel —, a parte árabe de Jerusalém estava deserta. Nas ruas, havia apenas as tropas de ocupação. Os palestinos permaneceram em suas casas atendendo ao apelo de greve geral da OLP.

Mesmo os líderes palestinos moderados, como o xeque Hasham Khazandair, da faixa de Gaza, têm denunciado o acordo. O presidente Sadat, porém, está convencido de que o intercâmbio ora iniciado com os israelenses poderá exercer maior influência junto aos palestinos dos territórios ocupados, entre outros aspectos neutralizando a influência da televisão jordaniana, que todos na região acompanham e que tem sido totalmente negativa quanto ao acordo. Seja lá como for, Sadat está decidido a ir até o fim. “Não temos alternativa”, disse ele ao correspondente de VEJA em Washington, Roberto Garcia. “Logo haverá mudanças substanciais no mundo árabe e a questão terminará resolvida.”

CONTROLAR MOLECAGENS — Na semana passada, de qualquer forma, o chefe de Estado egípcio, que enfrentava a ameaça de se ver isolado pela maioria dos países árabes, terminou saindo for-

talecido, após o desmoralizante fiasco da reunião de Bagdá, realizada entre os países árabes, a partir de terça-feira, para debater possíveis sanções contra o Egito. A reunião, suspensa no final da semana, não apenas não conseguiu aprovar o pretendido boicote econômico ao Egito, vetado pela ação moderadora da Arábia Saudita — que continuará fornecendo seus 2 bilhões de dólares anuais de ajuda ao Cairo —, como também ainda seria palco de um patético espetáculo de retirada da parte do líder da OLP, Yasser Arafat, e das delegações da Síria e da Líbia. Arafat não se conformou com a recusa dos países árabes de um boicote, não apenas ao Egito, mas aos EUA — uma proposta absurda, se se tiver em conta o fluxo de negócios dos países petrolíferos com as empresas americanas. Por isso retirou-se — no que foi acompanhado pela Síria e pela Líbia.

Assim, no final da semana, parecia restar para a OLP apenas o sinistro recurso ao terrorismo. As coisas estavam pretas, entre os árabes. No caso da Líbia, não se afastava inclusive a possibilidade de algum atrito militar com o Egito. Na quinta-feira passada, quatro divisões líbias estavam concentradas na fronteira. O Egito, por seu lado, também mobilizou suas tropas para, como disse o ministro da Defesa de Sadat, “controlar eventuais moléculas de nossos irresponsáveis vizinhos”. A região continuava assim exposta a muitos sobressaltos. E não se descarta a possibilidade de grandes tumultos no futuro próximo: os líderes árabes estão ameaçando derrubar-se ou assassinar-se uns aos outros. Tudo isso confirma, de todo modo, que o acordo de paz entre Egito e Israel é de fato um marco, a partir do qual começa a ser alterada a fisionomia geopolítica do Oriente Médio. ●